

Leila Tabosa

ELA NASCEU LILÁS

& outras mulheres



 Poder
Editora

©2024 Podes Editora Ltda

Todos os direitos desta edição estão protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998 e reservados a Podes Editora Ltda. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios sem a citação da fonte.

Editora-Chefe

Ana Maria Carneiro Almeida Diniz

Diagramação

Lano

Capa

Myllena Taglia Araujo Diniz

Imagem da capa

"Aquarela" (21cm X 29 cm) de Isaías Medeiros (2024)

Impressão

Offset Gráfica e Editora

www.offsetgrafica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tabosa, Leila

Ela nasceu lilás & outras mulheres / Leila Tabosa ; com textos de apresentação de Daiany Dantas, Verônica Aragão, Araceli Sobreira. -- 1. ed. -- Mossoró, RN : Editora Podes, 2024.

ISBN 978-65-85628-06-8

1. Feminismo 2. Ficção brasileira 3. Narrativas escritas 4. Violência de gênero I. Dantas, Daiany. II. Aragão, Verônica. III. Sobreira, Araceli. IV. Título.

24-214028

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a autorização da Podes Editora Ltda.
Todos os direitos desta edição reservados pela Podes Editora
Tel: (83) 999540177 - www.podeseditora.com.br

ELA NASCEU LILÁS

Eu vivia em uma bolha que não sabia nominar de que espécie. Não conhecia ao certo minhas extensões corporais nem muito menos meus cinco sentidos, talvez sete – era o que ouviria depois no sempre. Despertei mais uma vez daquele estado de sono. Eu não gostava daqueles bruscos despertares quase diários para o estado de alerta. Mas abri os olhos mesmo assim, pois meu sono foi interrompido, mais uma vez. A impressão que tive era a de um despertar precoce, brutal, mais do que o de todas as outras vezes.

Dois tempos antes ou dois dias antes, senti minha bolha pressionada por um fio firme em lances de chicotadas – depois saberia se tratar de fio elétrico. A dona da minha bolha apanhou de fio elétrico – o objetivo era o meu não nascimento com vida ou a crueldade da violência contra a mulher em nossa dupla morte. Dupla morte feminina. Mas até aí, sem consultas médicas por proibição do meu progenitor, só eu sabia que eu era também mulher, mais uma.

No tempo agora, no espaço intervalado tão perto entre o fio e outros gritos de minha guardadora, ouço um urro que me deixou mais em alerta, era muita água de turbilhão na minha casa bolha, eu não conseguia enxergar e piscava muito para isso, nem ao menos sabia o que enxergar porque a minha água já deixava de ser calmaria novamente, uma corda me sustentava e eu me sentia segura ali dentro, mas com frequentes e barbaramente assuntos-ações de violência.

Até que senti um impacto profundo sobre a minha bolha, abri os olhos e não mais consegui fechar, não vi mais nada. Reanimei porque o impacto se intensificou e fortaleceu sua ira, assim como a pressão e aqueles urros e gritos e vai e vens. Nunca havia sido tão forte. Passamos aquela gestação apanhando. Mas dessa vez, os chutes, os pés que sentia de dentro. Meu corpo já todo crescido quase se encostava à tessitura mais extrema da barriga externa da minha mãe e eu podia ser vista de fora nos meus movimentos e tentava escapar dos chutes para lá e para cá: das costelas acima e abaixo eu me movimentava em fugas.

Mais um chute! Desse não consegui escapar da barriga ultra-esticada da minha mãe magra. Eu fui agredida de fora para dentro daquela bolha em todas as posições. Isso já havia acontecido outras vezes. Mais chutes. Algo pressionou minha bolha muito fortemente. Entonteci sem saber o que era essa sensação e procurava tatear algo que me desse uma resposta àquilo de tão corriqueiro que me atingia de longe e que ia se aproximando cada vez mais, quanto mais eu crescia.

Eu não entendia o que acontecia, mas confiei no cordão-umbigo que me prendia ao seguro, por onde todas as minhas necessidades eram supridas, mesmo sem que as necessidades básicas da minha mãe fossem atendidas. Ouvi vozes ao longe e os gritos se fizeram pranto. Parecia que alguém queria me alcançar, me arrancar dali com objetos como cordas em chicotadas, como, de novo, fios elétricos que sufocavam minha bolha-segurança.

Naquele dia foi o pior de todos. Um sussurro revoltoso e constante com urros de dor da dona da minha bolha, minha mãe. Correria. Senti mãos passarem bem de longe sobre a bolha já muito sensível e com dores e hematomas onde eu estava. Aquele sussurro revoltoso me fez chorar alto. Tão alto que a gente de fora se assombrou. Chorei, berrei, movi-me e consegui dar uma cambalhota. O que é isso? A criança está chorando dentro da barriga da mãe. Ouvi gritos de pavor; outros de alegria. Uma

pessoa disse: chorou na barriga da mãe, vai ser advinha. Outra pessoa falou: chorou na barriga mãe, isso não é de Deus.

De repente o líquido começou a diminuir aos poucos e a se esvaír aos poucos, mesclado com meu choro. Correria. Eu fui sentindo quase um sufocamento progressivo, senti como se quase não conseguisse respirar se aquilo continuasse. Ouvi uma algazarra ao loonge, bemmm longeee em ecoooooo, tão longe em camadas. Estavam levando a minha bolha para outro lado, apressadamente. O meu nascimento estava chegando e, com ele, a certeza de minha descoberta através de um de meus sentidos: existe violência contra a mulher. A bolha era a placenta dentro do ventre de minha mãe. Desejei nascer com um falo. Não conhecia todas as minhas extensões ou todas as minhas mais secretas sensibilidades, mas já entendia o que minha mãe passava por ser mulher. Desejei não nascer mulher.

Nasceria pois, antes da hora, não tão antes da hora, alguns poucos dias antes, não sei. No hospital público, a história de eu ter chorado dentro da barriga da minha mãe correu os corredores e a curiosidade mesclada a temor, tomou conta daquele parto. Todo mundo queria ver ou jamais ver o ser chorão cuja mãe ainda desconhecia o sexo. Não foi tão rápido o parto, sofremos um montão, fiquei sem respirar em intervalos; minha mãe, fraca, muito fraca, por não dispor de recurso para se alimentar bem, não conseguia a força para parir. Precisei ajudar no que pude. Sem desejar, nasceria, para aliviar a minha mãe.

Demorou mais do que gostariam umas pessoas e menos do que gostariam outras. Na maternidade escola da universidade esperaram com humanidade, e afeto – conheci afeto ali na minha (ultra) sensibilidade colada no útero e nas camadas machucadas de toda a extensão da pele, das carnes da minha mãe: – o parto terá que ser normal, ainda que já não exista muito líquido e a criança sofra risco de morte, ela está em sacrifício, disse a enfermeira.

Como são muitos os toques agressivos do médico homem que jamais teve vagina, mas bem menos que as pancadas e chutes que levei aqui dentro. O médico fez o teste de toque. Não tem passagem. Esses toques que faziam minha mãe gemer não de dor, mas de medo de como eu nasceria, depois daquele espancamento sofrido em casa e de todos os outros ao longo da gestação. A doula voluntária tentava acalmar minha mãe. Força, querida, a criança vai nascer. Ela está viva? Sim, está viva! Será que tem sequelas no corpo dela? Querida, tire isso da cabeça, a criança quer nascer, deixe. Não trave. Deixe ela nascer, ela está te ajudando.

Minha mãe passou algumas horas nas dores e eu também. Por vezes, muitas- sempre, eu sentia espasmos e falta de ar, muita falta de ar, hora eu apagava e quando retornava, ali estava, quase sem água, parecia que eu ia nascer dura como galho seco, no calor mais absoluto como em brasa. O líquido estava indo para o fim. Até que uma médica mulher apareceu e sugeriu de bom grado umas injeções para ativar as contrações, mas essas injeções estavam em falta na maternidade-escola. Tudo no difícil, precisei mesmo sair quase sem força também, a última força, me impus; minha mãe tentava me travar por medo de como nasceria, mas com medo foi.

Abriu, passei. Diziam que eu era roxinha. Vi minha mãe com o rosto roxo como meu corpo, mas ainda mais. Nasci mulher! De uma mulher, pelas mãos de outra mulher! A doula mulher gritou – ela nasceu meio roxa demais, é uma menina! Vou dar banho nessa menina roxa. Ela está assim porque nasceu agora, querida, não se preocupe. Existem crianças que nascem assim porque passa da hora de nascer.

A ida para a casa, eu sei, era algo que minha mãe não gostaria que fosse tão prontamente. Aos poucos, no hospital, os assombrados e os curiosos queriam ver a menina. A menina roxa-lilás cheia de impressões de patacadas. Só tivemos alta quando eu enlilazei-claro-avermelheci. Mas isso não foi homogêneo. Algumas

partes minhas estavam mais arroxeadas. Minha mãe passara por calvário de jornada em algumas casas de pessoas amigas para não chegar à quebrada com uma criança tão cheia de impressões digitais ronxas. Os roxos na minha mãe de violência física no rosto, nas pernas, nos seios e principalmente na barriga – muito comuns para todo mundo – a violência comum, parecia que muitas mulheres iam parir naquelas condições. E iam.

Mas uma criança nascer inteiriçamente lilás, não! Não era comum, menos ainda com matizes. Era matizada. A menina que chorou no seu ventre, nascida tão roxa-lilás, já era demais de estigma para aquela criança carregar. E os comentários eram os mais diversos sobre o parto desde o útero: chorou na barriga da mãe? Sinal de mau presságio! Chorou na barriga da mãe? Vai ser bruxa! E por aí se iam os comentários semeando espinhos até o caminho nosso de casa. Amareleci um pouco. Diria minha mãe na quebrada que era iteiriça-icterícia. Seguimos a jornada para o caminho que minha mãe e eu não queríamos percorrer. O retorno.

Em vez de irmos para nosso canto, fomos direto para a casa da minha avó materna, velha algo bastante-mente bipolar, sem saber, e algo esquizofrênica, sabendo ser muito particularmente instável de emoções e de humores. Chegamos, pois. E toda a vizinhança da comunidade periférica queria ver a menina que chorou na barriga da mãe. Isso era o que me esperava. Parecia dia de velório onde todo mundo queria ver o corpo mesmo que não conhecesse o desencarnado. Encheu. Lotou. Faltou chão. Um empurra-empurra. Minha mãe chorava. Ela não sabia se eu teria sequelas neurológicas, as físicas eram visíveis ainda – forma imponente de minha denúncia e sobre como deveriam me ver.

O assunto do meu nascimento deu muito para especulação e maledicências sobre o eu-ser o ser que chorou no ventre e no lutar para viver sem deixar minha mãe sofrer pouco mais, naquilo o que parecia um parto impossível de que criança e mãe sobrevivessem. Minha mãe, já muito desgastada de sonhos se-

questrados, de presentes amargos e de futuros impossíveis, chorava olhando meu rosto em tons de dor. Eu olhava suas marcas tantas de panos de melasma que quase nem se sobressaíam sobre seu tom de pele; enquanto sobressaíam suas marcas e manchas de presente violência.

Mas de longe, uma alma boa acenava se aproximando, pedindo calma e passagem para ver a criança. Todos a obedeceram. Dona Aurora. Quem não a conhecia por suas obras de amor na comunidade? Quem não a conhecia pelos punhados de arroz, farinha, sabão? Dona Aurora chegava com flores coloridas colhidas do seu jardim alegre e vivo. Ela disse: é uma menina e é da cor da espiritualidade! Violeta! Viva Violeta! Ela me benzeu de pétalas e de nome. Choveu flor multicolor naquele batismo de chegada, o único de boas-vindas. Minha avó disse: mais uma mulher para sofrer.